

## P de professor

Audrei Rodrigo Pizolati 

---

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. **P de professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. 532 p.

Direcionado aos estudantes de pós-graduação, o livro **P de professor** foi pensado no intuito de instigar o leitor acerca de suas práticas (presentes e futuras) correspondentes ao binômio professor-pesquisador, tanto na academia como na escola, mais precisamente em sala de aula. Diante disso, a obra interessa aos estudiosos do campo da educação, à qual centra-se sobre o saber e o fazer – o ofício ou a artesanaria docente – (SILVA, 2015).

A constituição deste dicionário inicia-se a partir de Karen Rechia que, ao assistir as aulas do professor Jorge Larrosa, inquietou-se com alguns conceitos operados por ele durante diferentes encontros. Assim, de inúmeras conversas e de debates com Larrosa a respeito do significado e da aplicabilidade de determinados termos no campo da educação, nasceu, a convite do próprio Larrosa, a ideia para a elaboração do dicionário pedagógico. Conforme escreveu Larrosa (LARROSA; RECHIA, 2018), Karen havia se interessado por suas aulas e a sua maneira de atuar em sala de aula foi o que a fascinou. Então, Larrosa a convidou a elaborar e a sistematizar junto a ele algumas palavras que compõem de modo próprio e contingente o exercício da docência articulada à pesquisa.

Primeiramente, a confecção deste dicionário destinava-se a contemplar a terceira parte de uma outra obra de Larrosa: *Esperando não se sabe o que: sobre o ofício do professor* (2018). Por motivos editoriais (o livro ficaria demasiadamente extenso), optou-se por publicá-lo em separado.

Referente aos autores da obra, salienta-se que o professor Jorge Larrosa é docente titular da Universidade de Barcelona (UB), na qual atua na área de Filosofia da Educação. Formado em filosofia e em pedagogia, doutorou-se nessa mesma universidade (UB), realizando seu pós-doutorado em Londres – Instituto de Educação da Universidade de Londres – e em Paris – Centro Michel Foucault, Faculdade de Sorbonne. Sua obra já foi traduzida para diversos países da Europa e da América Latina, como Brasil, Colômbia, Espanha, França, México e Venezuela. Dentre os temas que o interessam, destacam-se a filosofia, a educação, o cinema e a literatura. Suas pesquisas versam sobre a relação entre linguagem, experiência, educação e processos de subjetividade. No tocante ao conceito de educação presente nos estudos de Larrosa, sugere-se a leitura de *Pedagogia Profana* (2000) – Cf. Silva (2015).

A professora Karen Rechia é licenciada e mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutora em educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Participa do LEHCA - Laboratório de Ensino de História do Colégio de Aplicação, do Centro de Ciências da Educação da UFSC, da Rede Kino – Rede Latino-Americana de

Educação, Cinema e Audiovisual e do grupo de pesquisa Observatório de Práticas Escolares/OPE, na FAED/UDESC e coordena o grupo de pesquisa Elogio da Escola/UFSC. Seus estudos se articulam aos Estudos Audiovisuais e à Educação, cuja temática circunda o pensamento contemporâneo articulado à escola, aos sujeitos e as materialidades que delineiam a educação em âmbito institucional escolar. Atualmente, Rechia atua como professora no Colégio Secundário de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, o qual leciona há 23 anos.

A academia tem se distanciado da escola tanto em práticas quanto em diálogos. Muito se estuda sobre o cotidiano escolar; contudo, a devolutiva por vezes não ocorre em virtude da incapacidade de diálogo entre os professores-pesquisadores acadêmicos e os professores da educação básica, que também fazem pesquisa em certa medida. No que tange à docência e à pesquisa no contemporâneo, é necessário observar que

[...] os intelectuais não somente esqueceram de que frequentaram as escolas, mas também frequentemente ignoram que seu trabalho cotidiano é como professores. E eu tenho a impressão de que isso poderia ser do idealismo que atravessa nossas maneiras de entender o trabalho intelectual, mas também da pretensão de construir um relato no qual o intelectual apareça como um ser “que faz a si mesmo”, dialogando apenas com a biblioteca e com outros acadêmicos como ele. (LARROSA; RICHIA, 2018, p. 17).

O problema do distanciamento entre ambos reside na noção de pertencimento, pois o aluno de pós-graduação, em seu processo de formação complementar, não se percebe como professor e, por vezes, não compreende o docente em sala de aula como colega de profissão (professor-pesquisador). O pesquisador (e professor) prefere manter o diálogo com os intelectuais acadêmicos, excluindo do debate os demais profissionais da educação não concebidos como pesquisadores. À essa questão, Larrosa e Rechia (2018, p. 20) entendem que

[...] quando um professor entra na pós-graduação, muitas vezes se apresenta como doutorando ou mestrando nos eventos científicos. No entanto, apresentar-se como professor deveria ser uma distinção, um pronome de tratamento, algo como professor doutorando, professor escritor, professor palestrante, professor artista.

O vínculo da obra ao campo da educação articula-se aos professores e aos pesquisadores e à demais interessados sobre a temática. Assim, faz-se necessário definir o que se compreende aqui por educação. Esse conceito “[...] envolve o conjunto dos processos pelos quais indivíduos se transformam em sujeitos de uma cultura [...]” (MEYER *et. al.*, 2004, p.52) que se compreende como “[...] o conjunto de códigos e de sistemas de significação lingüística, por meio dos quais se atribuem sentidos às coisas, sentidos esses que são passíveis de serem compartilhados por um determinado grupo.” (*Idem.*, 2006, p. 1337).

Nesse ínterim, a prática docente perpassa pela seleção dos materiais a se trabalhar junto aos alunos, não no intuito de formar o indivíduo *a priori*; mas de instigar o pensamento e o desenvolvimento de ideias por meio da distinção de textos a serem operados em sala de aula. (LARROSA, 2000, p. 142; LARROSA, RECHIA, 2018, p. 173). Esses exercícios genuínos requerem confiança e gratuidade, sem um condicionamento que almeje determinado fim. Para tanto, o interesse – de tornar interessante – “[...] é algo que requer muito trabalho, e nesse trabalho está separado de torná-lo interessante para os demais. Digamos que o professor trata de seu próprio interesse quando trata de interessar a outros, ou ao contrário.” (LARROSA; RECHIA, 2018, p. 238-239).

O importante na articulação entre professor e aluno é permitir que a aula saia do controle, para que do caos nasça a livre-criação (NIETZSCHE, 2003). A respeito da geração de ideias, tanto para o desenvolvimento da aula quanto ao estímulo da autonomia do pensamento, Larrosa e Rechia (2018, p. 223) entendem que

[...] o trabalho do professor não somente tem a ver com a geração de ideias, mas tem a ver também com tratar de fazer com os estudantes preservem suas ideias, que não desfaleçam, que não as abandonem rápido demais, que não as deixem cair, que as desenvolvam, cuidem delas, sigam-nas e as persigam; enfim, que cuidem delas.

Ademais, a produção acadêmica no campo das humanidades e sua contribuição para a sociedade têm sido alvo de intensos debates e de ataques proferidos por liberais-neoconservadores, que não concebem a pesquisa e a educação como um investimento, e sim como “gastos”. O filósofo italiano Giorgio Agambem (2009, p.62-63) entende que o “Contemporâneo é, justamente, aquele que saber ser essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente.” Diante desses tempos de obscuridade, o docente deve tomar cuidado com determinadas palavras, mas jamais silenciar-se. Esse é o dilema atual da pesquisa, no qual assenta-se na necessidade de conexão entre o professor e a realidade social que o circunda, que por vezes ignora o diálogo com a sociedade.

Destarte, a obra de Larrosa e Rechia (2018) fornece ao leitor os subsídios necessários para problematizar e tencionar os estudos na área da educação. Diferente de um dicionário convencional, o livro traz uma série de termos e de conceitos trabalhados em aula pelo professor Larrosa. Os vocábulos presentes na obra estão divididos em três partes: as não-palavras, termos os quais o docente deveria evitar quando se trata do seu ofício – esses vocábulos aparecem no livro descritos da seguinte maneira: ex.: ~~alunos~~ –. No que corresponde às não-palavras, evidencia-se que

O gesto de proibir algumas palavras em aula, desde então, não é uma verdadeira proibição. Trata-se de tornar menos automática (e assim mais

consciente) a língua que se usa. E talvez o professor, algumas vezes, deva mostrar também suas opções. (LARROSA; RICHIE, 2018, p. 373).

O segundo grupo de termos remete às palavras relacionadas ao ofício docente propriamente dito e, por fim, as palavras alusivas às disciplinas ministradas por Larrosa durante o primeiro semestre de 2005.

Somado a isso, atenta-se para o fato de que o dicionário não se trata de um manual de conduta em sala de aula para professores, tampouco um guia tácito sobre o fazer docente. Todavia, objetiva instigar o modo de pensar, de agir e de proferir determinados vocábulos, que por vezes atocaiam o docente, ou que não são devidamente problematizadas junto ao professorado e aos demais pesquisadores do campo da educação.

Por fim, realça-se a importância da obra, bem como sua relevância e articulação a outros estudos desenvolvidos por Larrosa, segundo o qual:

[...] creio que o dicionário tem sentido por si mesmo, mas penso que deveria ser lido junto a esse outro livro intitulado *Esperando não se sabe o que: sobre o ofício do professor*, que o que o amplia e contempla (com outras elaborações teóricas, outra bibliografia e outros registros de escritura) e que contém um outro curso sobre o ofício desde o ponto de vista do artesanato (das mãos e das maneiras), um exercício que culmina em elogio muito pessoal da sala de aula (de elogios e elegias), uma série de diversos países da América Latina em 2017 (de incidências e coincidências). (LARROSA; ROCHIE, 2018, p. 27).

À vista disso, recomenda-se a presente obra aos estudantes de licenciatura em geral (graduação, especialização e pós-graduação), bem como aos demais estudiosos que por ventura se interessarem pelos saberes e pelas práticas intrínsecas ao campo da educação e, especificamente, ao ofício docente e a pesquisa.

## Referências

- AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Tradução: Vinícius Nicastro Homesko. Chapecó, SC: Argos, 2009. 92 p.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana:** danças, piruetas e mascaradas. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 4ª Ed. Belo horizonte: Autêntica, 2000. 208 p.
- LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê:** Sobre o ofício de professor. Tradução: Cristina Antunes. Autêntica Editora. Edição: 1. Coleções: Educação: experiência e sentido. Coordenadores da Coleção Jorge Larrosa, Walter Kohan. Mês/Ano de publicação: 09/2018. 528 p.
- MEYER, Dagmar E. Estermann; SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos; OLIVEIRA, Dora Lúcia de; WILHELMS, Daniela Montano. 'Mulher sem-vergonha' e 'traidor 'Mulher sem-vergonha' e 'traidor responsável': problematizando representações de gênero em anúncios televisivos oficiais de prevenção ao HIV/AIDS. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(2): 264, maio-agosto/2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Editora Martin Claret, (Coleção A obra-prima de cada autor, v. 22). 2003. 536 p.

SILVA, Michele Porfírio da. RESENHA: PEDAGOGIA PROFANA. **Revista Professare**, ISSN 2238-9172, Caçador, v. 4, no 1, p. 163-164, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uniarp.edu.br/professare/article/view/664/341>. Acesso em: 16 jun. 2019.

SILVA, Roberto Rafael Dias da. **Sennett & a Educação**. (Coleção Pensadores & a Educação). 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2015. 119 p.